



Perspectivas teóricas sobre mobilidade e religião

Theoretical perspectives about mobility and religion

Suzana Ramos Coutinho*

Resumo: É possível afirmar que as inúmeras maneiras em que religião e migração se cruzam nos permite examinar simultaneamente os papéis que a religião desempenha na formação de padrões e experiências migratórias e, igualmente, reconhecer a maleabilidade das tradições e práticas religiosas nos processos de mobilidade. Ao centralizar a importância da religião, não pretendemos, aqui, reificar a religião, nem argumentar que a religião é a única, ou mesmo necessariamente a mais importante, fator que sustenta experiências ou respostas à migração. Partindo desse referencial, este texto visa oferecer três breves frentes de reflexão para um entendimento, ainda que parcial, sobre o debate em torno da relação entre religião e migração. Na primeira parte, discutiremos a atualidade do tema, mostrando como esse assunto está em voga e como essa relação é real e pertinente, além de definir algumas categorias necessárias para o debate. Na segunda parte, articularemos possíveis relações entre religião e migração e, ao final, ofereceremos ao leitor algumas perspectivas teóricas, articulando e pensando como categorias úteis para refletirmos acerca desse debate enquanto área de conhecimento já estabelecida.

Palavras-chave: Migração; religião; cidadania; identidade.

Abstract: It is possible to affirm that the different ways in which religion and migration are intertwined allow us to simultaneously examine the roles that religion plays in the formation of migratory patterns and experiences, and, equally, to recognize the flexibility of religious traditions and practices in the mobility processes. Considering the importance of religion, I do not intend to reify religion, nor to argue that religion is the only, or even necessarily the most important, factor that sustains experiences or responses to migration. Based on this framework, this article aims to offer three brief approaches for reflection for an understanding, albeit partial, on the debate of the relation between religion and migration. In the first part, we will discuss the actuality of the topic, revealing how this topic is in vogue and how this relationship is real and relevant, and defining some categories necessary for the debate. In the second part, I will articulate possible relations between religion and migration and, at the end, I will bring some perspectives on migration and religion relating these themes and thinking of them as useful categories for thinking this debate as an established area of knowledge.

Keywords: Migration; religion; citizenship; identity.

Introdução

O deslocamento, enquanto fenômeno coletivo e individual, é um movimento com diferentes etapas e perspectivas que, dependendo dos interesses temáticos das várias disciplinas que o elegem como objeto de estudo, inclui, conforme Santos, Petros e Loureiro (2014, p. 11) três possíveis abordagens: a) a emigração (ou as múltiplas

* Doutora em Ciência da Religião (Un. de Lancaster, Reino Unido). Professora do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP (São Paulo-SP). ORCID: 0000-0002-5629-1914 – contato: srcoutinho@pucsp.br

condições sociais, políticas, econômicas, etc. que motivam o deslocamento), b) as questões sociais decorrentes do estabelecimento temporário ou definitivo em outro país, e c) os desdobramentos através da obtenção de novos espaços (inclusive na arena política) objetivando a “integração numa outra sociedade e/ou construindo a diferença cultural (etnicidade) e formas de pertencimento coletivo que podem produzir debates, antagonismos e desigualdades sociais” (2014, p. 11).

Como debate acadêmico, o tema da migração é atual, complexo e amplamente debatido. Enquanto alguns estudiosos se concentram no impacto econômico e cultural da migração (Eckstein e Najam 2013), outros se concentram na ideia de fronteiras e limites políticos (De Genova, 2017), políticas de migração institucionais (Boswell e Geddes, 2011), direitos humanos (Gammeltoft-Hansen e Vedsted-Hansen, 2017) e também na relação entre migração e religião (Connor, 2014). O aumento dos fluxos migratórios nas últimas décadas tem trazido muitos desafios para as sociedades no mundo inteiro, refletindo nas sociedades a intensificação da diversidade cultural e a reconfiguração das culturas. Para os estudos de religião, esses últimos aspectos têm interessado sobretudo no que diz respeito ao impacto sobre as religiões.

Esse debate nasce da necessidade de um maior entendimento sobre as novas configurações do cenário social, político e religioso frente ao crescimento da entrada de imigrantes em territórios diversos. Nas últimas duas décadas, o interesse no estudo das migrações se ampliou em função da relevância dos deslocamentos populacionais em contexto de globalização. Como categoria de análise, uno-me a outros pesquisadores (Neto, 2005) com o entendimento de que os estudos migratórios são um campo de investigação científica que indaga sobre os “movimentos espaciais de população [...] qualificando e quantificando as regularidades encontradas, relacionando tais processos à formação de identidades [...] e procurando extrair consequências em termos de formas de intervenção, estatal ou não, com vistas ao contexto social mais amplo” (Neto & Ferreira, 2005, p. 10). Do mesmo modo, o significado tradicional da palavra migração (tanto do ponto de vista acadêmico quanto do senso comum) remete ao estabelecimento de indivíduos ou grupos em um determinado país do qual não são nacionais e que os acolhe em situação liminar.

Mas, o cenário da migração é desafiador não somente pelos fatores mencionados acima. A formação de identidades diferenciadas em contextos migratórios e as especificidades culturais acarretam problemas políticos e culturais e apontam para o confronto entre concepções plurais e homogêneas de sociedade. “Há, de fato, uma dimensão cultural (que pode ou não ser expressa na forma de etnicidade) que põe em evidência a importância das políticas de identidade e os interesses nacionalistas mesmo diante do impacto da globalização econômica” (Santos, Petrus e Loureiro, 2014, p. 11).

As migrações internacionais produzem minorias – um termo que desde a sua formação nas ciências sociais indicou a dimensão política decorrente do reconhecimento de grupos diferenciados dentro do Estado-nação. Assim, “desde o início dos grandes movimentos migratórios no século XIX, a imigração está associada a conflitos de diversas naturezas e, aos poucos, deixou de ser tratada exclusivamente como um problema de inserção social ou de assimilação” (Santos, Petrus e Loureiro, 2014, p. 10). As questões e problemas sociais decorrentes do estabelecimento do imigrante em outro país suscitam

conflitos no tocante à ideia de nacionalidade; e acabam por revelar, deste modo, novos desdobramentos em diferentes espaços (como as arenas política, religiosa etc.).

Ao tratar da multiplicidade identitária, é necessário considerar o aspecto da religiosidade. É inviável discutir a temática da migração sem que seja levado em consideração o aspecto religioso desses imigrantes. Ao escutar histórias de fé dessas pessoas recém-chegadas, é possível perceber a experiência de fé indissociável das suas vidas cotidianas. A religião não pode ser entendida, nesse contexto, meramente como um aspecto (entre outros) na vida do imigrante; a fé do imigrante afeta a sua interação cotidiana com não imigrantes, forma o futuro destes imigrantes no contexto social de destino e influencia a sociedade para além da sua própria presença em um determinado contexto social. Em outras palavras: “para entender os imigrantes, é preciso entender a sua fé. Mas, para entender mudanças sociais em sociedades compostas por imigrantes, não se pode desconsiderar a religião destes imigrantes” (Connor, 2014, p 5, tradução nossa).

Compartilho aqui o conceito analítico proposto por Sanders, Fiddian-Qasmiyeh e Snyder (2016), de “interseções”, a fim de chamar a atenção para o modo como as identificações religiosas e outras identificações sociais dos migrantes se tornam interconectadas dentro das hierarquias e instituições de suas sociedades anfitriãs. Considero que, apesar de os estudos sobre migração abordarem principalmente o que os migrantes e seus anfitriões fazem, os estudos sobre migração e religião se concentraram não apenas no que os migrantes e membros da sociedade anfitriã fazem em suas práticas religiosas, rituais e organizações, mas também no que pensam e acreditam: os significados e a persuasão de sua fé pessoal e ensinamentos religiosos. É necessário ir além, incluindo, também, o aspecto político: considerar analiticamente como as crenças e instituições religiosas podem e informam os esforços dos defensores para moldar as políticas governamentais, particularmente aquelas que acolhem em vez de restringir a imigração.

Partindo desse referencial, este texto visa oferecer três breves frentes de reflexão para um entendimento, ainda que parcial, sobre o debate em torno da relação entre religião e migração. Na primeira parte, discuto a atualidade do tema, mostrando como o assunto está em voga e como essa relação é real e pertinente, e também a proposta de definição de algumas categorias necessárias para o debate. Na segunda parte, busco articular possíveis relações entre religião e migração e, ao final, trago algumas perspectivas sobre migração e religião, relacionando estes temas e pensando-os como categorias úteis para o estabelecimento desta área de conhecimento.

Contextualização, definição e a atualidade do debate

A atualidade do tema é inquestionável, tanto internacional quanto nacionalmente. Internacionalmente, há várias razões para as ondas migratórias – guerras, desastres climáticos, migrações forçadas. Nacionalmente, as razões se dão tanto no contexto das migrações internas quanto na relação ou no recebimento de imigrantes internacionais em território brasileiro. Diante desse panorama tão complexo, torna-se importante definir algumas categorias que vão nos ajudar a entender o fenômeno. De que migração estamos falando? Ao lidar com a migração como categoria, é importante lembrar da variedade

de possibilidades e motivações para migrar. O trabalho (temporário ou permanente), trânsito, união familiar, causas ambientais, aposentadoria, estudos, aspectos afetivos, gênero, conflitos e guerras são algumas dentre tantas outras motivações migratórias. O panorama é desafiador e é considerado hoje, pelos autores, um cenário diverso e de complexidade singular na história das migrações. Compartilho da perspectiva de Sayad (1998) sobre o entendimento das migrações como um “fato social total”, pois se trata de um fenômeno multiescalar, interpretável em vários níveis inter-relacionados entre si: social, histórico, geográfico, econômico etc. Desta forma, as migrações são formadas por deslocamento de pessoas no espaço geográfico, mas também em outros espaços como o social, o político, o econômico, o identitário e o religioso. E essas questões indicam a complexidade e o desafio de se compreender o fenômeno.

Na tentativa de compreensão do fenômeno na atualidade, busco em Cavalcanti et al (2017) uma breve sistematização histórica das migrações com vistas a apresentar novos conceitos e abordagens que vem sendo desenvolvida no campo de estudos migratórios. Baseado em Massey et al (1993), os autores dividem as migrações modernas em 4 períodos, mas é importante notar que todos os períodos aqui descritos estão relacionados aos processos de expansão do capitalismo, “às categorizações socioculturais baseadas na noção de racialização, à colonialidade do poder e às estruturas de dominação e desigualdades sociais (FELDMAN BIANCO, 2014)” (Cavalcanti et al, 2017, p. 12).

O primeiro período é o período mercantil (1500-1800), em que os fluxos migratórios foram protagonizados principalmente pelos europeus, por meio dos processos de colonização e/ou crescimento econômico do capitalismo mercantil. O segundo período é o período da chamada era industrial e urbanização (1800-1925), quando as migrações eram basicamente norte-sul ou norte-norte (com destaque para a saída dos europeus para as Américas do norte e sul). Nesse período, países como Brasil, por exemplo, receberam milhares de europeus nos seus territórios. No terceiro período, os fluxos migratórios internacionais diminuíram; ele ficou conhecido como o período da migração limitada (1925 – final da II Guerra Mundial). Nesse período, os fluxos migratórios internacionais diminuíram basicamente por 2 motivos: a) – a grande depressão de 1929 e o período entre guerras. Por último, Cavalcanti et al (2017) aponta que Massey (1993) destaca o período pós-industrial (pós 1960), quando as migrações ganham novos contornos, com um movimento sul-norte. Os autores apontam o caso do Brasil como um exemplo desse fluxo migratório reverso, que começa nos anos 1980 e muda de vez a imagem do país como um receptor de população imigrante.

A era das migrações, segundo os autores (Cavalcanti et al 2017) deverá se prolongar e se intensificar devido a motivos como a crescente desigualdade, pressões políticas, ecológicas, religiosas, demográficas, conflitos étnicos/políticos e áreas de livre comércio. Diversos autores têm indicado algumas tendências nos estudos migratórios, como a globalização da migração (em que cada vez mais países serão lugares de partida, destino ou trânsito), diversidade das motivações para migrar (trabalho, refúgio, clima, etc.), feminização da migração (desde 1970, as mulheres vêm desempenhando papel importante na migração laboral) e, por fim, a politização da migração (Castles; De Haas; Miller, 2014).

Baeninger (2012, p. 9) aponta para o fato de que as novas modalidades da imigração internacional representam, no cenário da globalização, a definição e redefinição

de espaços transnacionais (conforme Glick e Schiller, 1997). A autora afirma que a importância do fenômeno migratório internacional reside, hoje, muito mais em suas especificidades, “em suas diferentes intensidades e espacialidades e em seus impactos diferenciados (particularmente ao nível local) do que no volume de imigrantes envolvidos nos deslocamentos populacionais” (2012, p. 9). Baeninger afirma que uma das características da imigração estrangeira no cenário da globalização é a condição de indocumentados desses imigrantes (apud Sales, 1991; Patarra e Baeninger, 1995), tornando ainda mais difícil a mensuração de seus fluxos.

É necessário ter em mente que, dentro desse contexto, há diferentes tipologias que acabam por compor um quadro heterogêneo dos processos migratórios, com reflexos inclusive nas suas construções teóricas. Categorias como migrantes, deslocados, refugiados, exilados, itinerantes e ilegais acabam por se tornar “rótulos” que “priorizam o sistema mundial e a demanda de mão de obra” (Santos, Petrus e Loureiro, 2014, p. 11) em uma abordagem que enfatiza sobretudo os aspectos econômicos e políticos do processo migratório.

Nesse sentido, o debate sobre o transnacionalismo se torna útil para um melhor entendimento do contexto indicado. Parte da literatura tem focado na experiência de novos imigrantes (conforme Kennedy e Roudometof, 2002), sugerindo que suas relações e conexões étnicas, religiosas e diaspóricas ultrapassam as fronteiras nacionais, estabelecendo, assim, a afirmação de que tais relações representam um fenômeno relativamente novo. Por mais importante que seja essa literatura, ela não abrange, conforme os autores mencionam, o alcance real das comunidades transnacionais que moldam cada vez mais a vida cotidiana das pessoas em todo o mundo. Reitero a percepção de Kennedy e Roudometof (2002), de que comunidades e culturas transnacionais precisam ser entendidas como constituindo um fenômeno muito mais amplo e mais comum. Os autores defendem que as relações transnacionais devem ser entendidas como manifestações de tendências sociais mais amplas que não se limitam à experiência dos imigrantes; em vez disso, estão se estendendo e moldando as vidas das pessoas envolvidas em muitos outros tipos de associações, clubes e redes informais, bem como na vida cultural em geral.

É importante destacar que a discussão proposta acima não visa refutar o fato de que muitas comunidades transnacionais nasceram da experiência de injustiças sociais, desigualdades globais e inseguranças crônicas. Os encontros dos migrantes com a exclusão social nos países de acolhimento intensificaram ainda mais a exposição das pessoas em todos os lugares, mas especialmente nos países pobres, a condições de grande incerteza econômica e social (Goldring, 1998). Assim, como Schiller e seus colegas observam (1992, p. X) “a migração transnacional é moldada pelo sistema capitalista global abrangente” e “está se tornando cada vez mais um fenômeno global à medida que as populações dos países dependentes do capital são forçadas a migrar para os centros do capital para viver”.

É necessário pensar, também, na subversão da localidade física e sua reconstituição de forma desterritorializada. Essa é uma tarefa realizada pela migração de pessoas e culturas através das fronteiras. Os “novos imigrantes” da era global, definidos como transmigrantes ou povos transnacionais, forneceram o local de pesquisa tradicional para o estudo das conexões transnacionais (Basch, 1994; Guarnizo e Smith, 1998 e Portes,

2000). Muitos pesquisadores (como Portes, 2000; Vertovec e Cohen 1999) argumentaram que as novas formas de tecnologia de comunicação e transporte de massa estão dando origem a oportunidades sem precedentes para os membros de comunidades nacionais migrantes optarem pela perpetuação de ligações transnacionais ativas entre pátria e país de acolhimento em preferência à assimilação, porque tais tecnologias colocaram o poder de criar uma simultaneidade de experiência e sentido nas mãos dos próprios migrantes (Smith 1998).

Além da localidade, terminologias também têm sido discutida. O foco midiático em torno da migração gerou um amplo debate sobre a terminologia. Malone (2015) aponta que relatórios internacionais (anteriores a 2015, especialmente) utilizavam os termos migrante, refugiado e solicitante de asilo indistintamente. Em agosto de 2015, o veículo de comunicação “Al Jazeera” parou de usar a palavra “migrante” na tentativa de evitar qualquer conotação negativa, substituindo-a pela palavra “refugiado” (Malone, 2015). Posteriormente, outros meios de comunicação também publicaram artigos explicando esses termos com mais detalhes e incluindo os motivos pelos quais as pessoas precisavam ter cuidado ao usá-los devido às possíveis implicações legais do uso do termo errado (Travis, 2015).

A forma como um migrante é definido, no entanto, é uma questão complexa. Para a Organização Internacional de Migração (OIM), um migrante é alguém que se desloca através das fronteiras ou dentro de um território, independentemente do seu estatuto legal, das razões e causas do movimento ou da duração da estadia no país de destino. A ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), por outro lado, define um migrante como alguém que escolhe se mudar visando melhorar sua qualidade de vida. Uma das razões pelas quais a definição de “migrante” é tão complexa é que inclui uma gama de pessoas que estão em situações diferentes, que cruzam as fronteiras por motivos diferentes, mas todas têm no movimento um fator em comum (Koser, 2005).

Religião e Migração: perspectivas teóricas

Estas teorias e reflexões nos ajudam a posicionar o olhar sobre o fenômeno aqui proposto. Mas, permanece a inquietação: como relacionar o campo de estudos da religião em relação aos estudos migratórios? Do ponto de vista ideal, as ciências sociais da religião abarcam o estudo de qualquer fenômeno que componha o universo religioso empírico – e essa relação entre religião e migração é prova disso. O salto quantitativo de pesquisas nessa área indica a representatividade do tema e também um desafio acadêmico: o de contextualizar as pesquisas em um quadro referencial que reflita a estrutura deste campo. Neste sentido, é importante indicar o modelo proposto por Usarski (2017) que pode servir como base para discussões futuras. Usarski vai sugerir três eixos de análise e alega que qualquer *insight* empírico sobre o papel da religião na dinâmica migratória pode ser associado a pelo menos um deles.

O primeiro eixo diz respeito à cronologia do processo de migração. O autor sugere, de modo objetivo, uma subdivisão em 3 momentos: antes, durante e depois. O “antes” é o momento anterior à migração (no sentido do deslocamento). Aqui, a questão

crucial diz respeito aos motivos que incentivam o processo de migração e se a decisão é voluntária ou forçada. O “durante” é a jornada propriamente dita. Pode ser direta ou segmentada (no sentido das estadias até o destino final). E o “depois” é a fase que começa com a chegada do migrante à sociedade anfitriã. Em muitos casos, o lugar de trânsito (que seria a segunda fase) se torna o lugar duradouro sem que a jornada “se complete”. No segundo eixo, o autor levanta a questão sobre se a religião, como um componente da relação entre religião e migração, é tratada como uma variável dependente ou independente. E reitera que o foco pode ser: a) os fatores religiosos que impulsionam a migração ou b) o impacto dos processos de migração sobre a religião. O terceiro e último eixo que determina os estudos das relações entre religião e migração é refletir em que nível os fenômenos religiosos considerados relevantes são concebidos. Usarski (2017) alega que esses fenômenos podem ocorrer na esfera micro (que é a esfera individual, das escolhas e das subjetividades), mas também na esfera meso (esfera das instituições religiosas) e macro (tradição religiosa na sua íntegra).

A abordagem sugerida por Usarski é útil como modo de ordenar/categorizar leituras e pesquisas já produzidas na área, mas também estimula a reflexão e aponta na direção de que religião e migração são temas altamente complexos e multifacetados; além disso, lidam e revelam, em tantas medidas, situações profundas de vulnerabilidade.

Reconhecendo a relevância da religião, estudiosos da migração têm examinado as intersecções entre religião e migração de diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e religiosas, embora, em termos disciplinares, este subcampo tenha sido indiscutivelmente dominado pelas ciências sociais. Por sua vez, cientistas da religião, teólogos e especialistas religiosos também têm explorado as múltiplas conexões entre religião e migração. Além da diversidade religiosa cada vez mais visível trazida para os países “tradicionais” de imigração (após uma série de alterações nas leis migratórias ocorridas em meados da década de 1960 em diversos países do mundo ocidental), a religião está cada vez mais na vanguarda dos estudos de migração, especialmente nos Estados Unidos e Europa (Saunders, Fiddian-Qasmiyeh e Snyder, 2016). Além de trabalhos clássicos produzidos sobre o tema (como os de R. Stephen Warner e Judith G. Wittner *Gatherings in Diaspora: Religious Communities and the New Immigration*), é importante destacar a criação e estabelecimento de grupos de trabalho sobre “religião e migração” nos diversos segmentos e associações acadêmicas da área (Saunders, Fiddian-Qasmiyeh e Snyder, 2016), o que indica a crescente atenção dada a essa questão importante, complexa e muitas vezes politicamente carregada de significados.

Fato é que houve uma renovação do interesse acadêmico nas interconexões entre religião e migração (Cherry, 2016) e este interesse provocou debates entre alguns estudiosos sobre se é a globalização ou o transnacionalismo o que mais afeta a religião e a migração internacional (Cherry, 2016, p. 200). Fato é que ambos os conceitos tiveram um grande impacto no estudo da religião e da migração. Com o trabalho pioneiro de Levitt (2001), Ebaugh e Chafetz (1999), para citar apenas um, o estudo da religião e da migração transnacional evoluiu de um campo bastante fragmentado, que descrevia apenas instantâneos isolados ou estáticos da religião transnacional, para um campo mais sistemático e teórico. Embora seu trabalho inicial apenas olhe para o transnacionalismo religioso entre duas nações em estreita proximidade geográfica, chama a atenção para

a importância das redes e espaços religiosos que operam nos níveis intermediários do transnacionalismo – os espaços entre os indivíduos e o Estado ou uma organização internacional, em que as comunidades transnacionais se mobilizam coletivamente.

Ampliando o escopo transnacional, o trabalho posterior de Levitt (2007) compara vários grupos de migrantes de uma série de origens religiosas em vários espaços nacionais. Levitt nos lembra dos complexos laços transnacionais e experiências compartilhadas que podem existir entre migrantes estreitamente vinculados dentro de um único país de acolhimento. Ebaugh e Chafetz (2002) desafiam a visão míope da migração transnacional como anfitriã e pátria e fornecem um dos primeiros mapeamentos teóricos dos contornos das redes e espaços transnacionais operando em vários níveis – desde o nível micro (individual) de redes privadas até dimensões meso mais formais em nível institucional ou congregacional e organizações, e movimentos macro internacionais ou transnacionais que podem transcender ambos. Com base em uma abordagem de análise de rede, Ebaugh e Chafetz destacam a complexidade das “sub-redes” que operam dentro de grandes redes e instituições de migrantes. Eles também chamam a atenção para as pontes socioeconômicas que ligam os migrantes, permitindo um fluxo de recursos religiosos e não religiosos através de múltiplas fronteiras.

Já Cherry e Ebaugh (2014), por exemplo, exploram como várias tradições religiosas e denominações religiosas estão moldando organizações de imigrantes que buscam ajudar pessoas além das fronteiras políticas e geográficas que não são necessariamente suas próprias comunidades migrantes. Embora a migração transnacional muitas vezes financie esses movimentos, forneça voluntários para seus vários empreendimentos humanitários e permita seus sucessos além-fronteiras, seus objetivos nem sempre são religiosos, mas também humanitários ou ambos e, muitas vezes, são direcionados a povos fora de sua própria diáspora, de seus países e até de suas próprias orientações religiosas.

É importante lembrar que, embora os Estados-nação, tenham procurado por muito tempo promover e/ou impor a homogeneidade religiosa, diversos processos migratórios internacionais sustentaram o pluralismo religioso. É importante considerar que o processo de secularização e o ressurgimento da religião na esfera pública, o crescimento da migração estimulado pela intensificação dos mercados globais e as preocupações dos líderes políticos com transformações e convulsões ligadas à migração e religião em grande parte do mundo têm despertado maior interesse entre pesquisadores e analistas em desenvolver entendimentos acerca de como religião e migração estão interligadas (Saunders, Fiddian-Qasmiyeh e Snyder, 2016). Muitos dos pesquisadores e pesquisadoras aqui já mencionados (as) tentaram mapear as complexidades da migração transnacional e da religião com certo sucesso. No entanto, ainda há muito trabalho a ser feito. Como Levitt (2007) apontou, os estudos sobre religião transnacional precisam de melhores ferramentas para capturar como pessoas, ideias e objetos circulam através e dentro das geografias de espaços e redes sociais transnacionais – como eles se movem, onde se agrupam, como interagem e sob que circunstâncias, contextos e condições.

Ao analisar o desenvolvimento desse amplo campo de pesquisa, podemos afirmar que as inúmeras maneiras como religião e migração se cruzam nos permite examinar simultaneamente os papéis que a religião desempenha na formação de padrões e experiências migratórias, e, igualmente, reconhecer a maleabilidade das tradições e práticas

religiosas nos processos de mobilidade. É importante ressaltar que, ao centralizar a importância da religião, não pretendo reificar a religião, nem argumentar que a religião é o único, ou mesmo necessariamente o mais importante, fator que sustenta experiências ou respostas à migração. Em vez disso, explorando as maneiras pelas quais a identidade religiosa, crença e prática se cruzam, por exemplo, com raça, etnia, gênero e sexualidade ao longo de diversos processos de migração, compartilho da perspectiva de Saunders, Fiddian-Qasmiyeh e Snyder (2016), quando argumentam que é útil investigar os processos migratórios com a religião no centro da discussão. As autoras citam Ager e Ager (2016, p. 300, tradução nossa) ao afirmar que “as dinâmicas religiosas [determinam] a experiência fundamental da migração” e, portanto, devem “ser integradas às análises das trajetórias e experiências dos migrantes, não vistas como epifenomenais para eles”.

O lugar da religião na política global de migração, embora sempre tenha sido significativo, está assumindo novas formas no contexto contemporâneo. Isto se dá, em parte, como uma resposta ao desenvolvimento daquilo que Wilson e Mavelli (2016, p. 275) vão chamar de uma “teodiceia secular” empurrada pelos países ocidentais, que transferem a responsabilidade do Estado para os próprios migrantes. Essa teodiceia secular tenta fechar e restringir os espaços para criticar os Estados por revogar responsabilidades internacionais que eles aceitaram voluntariamente como parte da assinatura de convenções internacionais relativas aos migrantes. Nesse contexto, atores religiosos são parte fundamental para desafiar e resistir à lógica dessa teodiceia secular, primeiro por meio de atos de solidariedade e apoio aos migrantes, e segundo por meio de atos de resistência contra as tentativas do Estado de considerar os migrantes como desconhecidos que ameaçam outras pessoas. Como uma contribuição para ir além da lógica da teodiceia secular que cerca a migração, compartilho a formulação proposta por Wilson e Mavelli (2016) de políticas com sensibilidade religiosa como parte de uma abordagem pós-secular, “que vê as religiões modernas e os atores religiosos na esfera pública como um reservatório de moral e recursos práticos que podem resistir à construção de migrantes como uma fonte de medo e uma ameaça à segurança, incentivam os Estados e os públicos de acolhimento a assumir a responsabilidade por suas vidas e promovem a solidariedade e a inclusão” (2016, p. 277, tradução nossa). Essa perspectiva exige uma maior colaboração entre agências governamentais seculares e atores religiosos para alcançar resultados de migração mais eficazes que podem ser mais benéficos para os migrantes e as comunidades anfitriãs, restaurando uma dimensão básica da humanidade muitas vezes esquecida.

Outra perspectiva relevante para pensarmos a relação entre religião e migração é a discussão metodológica sugerida por Ortiz, Sanchez e Hernandez (2015), que propõe uma nova abordagem para pensar as relações entre as sociedades receptoras e as novas religiões. Em particular, os autores estão interessados em observar a relação entre pluralismo religioso e a assimilação, dedicando especial atenção às formas de organização que comunidades migrantes desenvolvem no contexto de chegada (estabelecendo um link muito próximo com os estudos sobre incorporação étnica). A perspectiva analítica dos autores tem como abordagem aspectos como a função das comunidades religiosas no processo de incorporação cultural e socioeconômica, as especificidades dos movimentos de revivalismo religioso no processo de integração

e a religiosidade de migrantes. A análise predominante subsequente (especialmente a partir da primeira década de 2000) adicionou uma nova perspectiva analítica que destaca a importância dos links que os migrantes mantêm com seu lugar de origem para colocar (mais do que simplesmente reproduzir) as práticas e crenças religiosas do seu lugar de origem no lugar de destino.

Para que isso ocorra, de acordo com os autores, novas comunidades migrantes constroem complexas redes de relacionamento onde “a prática ritual tradicional adquire novos significados e se torna uma fonte de revitalização de conexões simbólicas (identidade e senso de pertencimento) e relações específicas – circulação de bens e serviços, estabelecimento de apadrinhamentos, entre outros” (2015, p. 74, tradução nossa). Como consequência, alegam os autores, a esfera religiosa se constitui espaço onde estruturas organizacionais prévias são transformadas e expandidas, incorporando aqueles que migram, mas também aqueles que permanecem. Os autores usam como referência o trabalho de Levitt (2012), que sugere que é preciso transformar a perspectiva analítica, a partir de que a religião tem sido estudada tradicionalmente, para reconhecer a importância da mobilidade nas práticas, símbolos e crenças que se movem através das fronteiras nacionais. Neste sentido, os autores sugerem não desterritorializar o estudo da religião, mas, sim, utilizar uma perspectiva transnacional para observar novas geografias alteradas pela mobilidade. Ao destacar o fenômeno da mobilidade, essa abordagem de aproximação entre religião e migração abre a possibilidade de incorporar lugares de origem para a reflexão – sem removê-los de uma perspectiva espacial mais ampla. Mais além, de acordo com Hagan (2008), “é essencial conhecer as características do campo religioso que precede a migração, não só como ponto de referência para um contraste subsequente, mas também porque a religião, fé e redes estabelecidas pelas comunidades religiosas constituem fatores que influenciam a decisão de sair – ou ficar – para potenciais novos migrantes” (p. 75, tradução nossa).

Considerações finais

Refugiados e outras categorias migrantes frequentemente são membros de comunidades religiosas, e sua experiência e perspectiva religiosas podem ser cruciais para sua compreensão de como lidar com os desafios do deslocamento. As respostas humanitárias aos deslocados por conflito, perseguição e desastre estão frequentemente enraizadas na tradição e pensamento religioso. Mas, refletindo tendências mais amplas nos campos das relações internacionais e da teoria social, e reavaliando as forças da modernidade e a suposta morte da religião, há agora, de acordo com Ager e Ager (2016), um interesse renovado dentro do setor humanitário em relação a questões de fé. Isso se concentra principalmente em questões e estratégias de engajamento com organizações religiosas, mas também levantou questões mais amplas sobre o lugar da religião nas vidas dos migrantes e nas atividades daqueles que trabalham com eles. Repensar o papel da religião no apoio a populações diversas e vulneráveis de pessoas deslocadas apresenta uma oportunidade de reimaginar a política global em uma era pós-secular complexa, plural.

Reitero a necessidade de incluir a religião nas teorias da migração internacional

contemporânea. As formas como os migrantes utilizam ativamente as instituições culturais existentes, como a igreja e as práticas religiosas, ao longo das várias fases do processo de migração, desde a decisão de migrar até ao desenvolvimento das comunidades transnacionais, são essenciais para a compreensão da migração internacional contemporânea. Hagan e Ebaugh (2003) afirmam que a maioria dos estudiosos da imigração se concentrou exclusivamente nas motivações econômicas e nas redes sociais para explicar a decisão de migrar, enquanto a maioria dos estudiosos religiosos limitou suas preocupações com a imigração ao papel das instituições religiosas no assentamento de imigrantes. Hagan e Ebaugh (2003) apontam que há algumas evidências; no entanto, o apoio de instituições religiosas é um recurso importante para os migrantes em potencial. “As congregações nas comunidades de origem podem estar cientes das necessidades espirituais dos futuros migrantes e suas famílias e atendê-los, e os migrantes que cruzam as fronteiras internacionais sem documentos podem localizar líderes religiosos e usar práticas religiosas para proteção em sua jornada frequentemente perigosa” (Hagan e Ebaugh, 2003, p. 1146, tradução nossa).

As autoras nos oferecem dois exemplos bastante didáticos que revelam o papel da comunidade religiosa no processo migratório. Os estudos do pentecostalismo ganês, por exemplo, descobriram que os migrantes em potencial frequentemente recorrem aos rituais de cura e libertação dos campos de oração em Gana em busca de conselho espiritual e proteção em suas viagens. O papel da religião na migração internacional também está gravado em retábulos mexicanos – pequenas pinturas votivas que expressam agradecimentos deixadas por migrantes e suas famílias em santuários religiosos. Em ambos os relatos de movimentos internacionais contemporâneos, os migrantes recorreram aos recursos espirituais da Igreja para derivar significado para a decisão de migrar e buscar orientação espiritual e proteção durante o processo de viagens internacionais. À medida que os custos humanos associados a migração não documentada contemporânea aumentam e um número crescente de migrantes não autorizados é exposto a uma perigosa – por vezes fatal – jornada associada a operações reforçadas de fiscalização ao longo das fronteiras, Hagan e Ebaugh (2003) apontam ser razoável esperar que a confiança no grupo religioso para aconselhamento espiritual e proteção pode assumir maior importância, especialmente para os migrantes oriundos de comunidades religiosas tradicionais.

Ao basear-se em considerações econômicas na decisão de migrar (Massey et al., 1987) e em explicações sociais para sustentar o processo, as teorias sobre a migração internacional negligenciaram o contexto cultural da migração. Mais especificamente, as teorias não abordaram o papel da religião no processo de migração, especialmente os recursos espirituais que ela fornece para algumas populações de imigrantes na decisão de migrar e também os efeitos psicológicos no compromisso dos migrantes de suportar as adversidades da migração. É importante destacar aqui o papel que as crenças e práticas religiosas desempenham no processo de migração contemporânea, lembrando que o componente de “agência” do processo de migração (Hagan e Ebaugh, 2003) serve aqui para enfatizar as maneiras criativas pelas quais os migrantes usam a instituição religiosa e suas crenças e práticas para organizar todo o processo de migração, desde a tomada de decisões até o desenvolvimento de atividades transnacionais.

Ao integrar pesquisas realizadas por alguns estudiosos que abordam uma gama de perspectivas disciplinares ligadas a diferentes tradições religiosas e perspectivas disciplinares, encerro este artigo sugerindo maneiras alternativas de compreender as relações, processos e respostas que caracterizam a migração global. A esse respeito, entendo que nem todos os tipos de migrantes e nem todas as religiões estão igualmente representadas em estudos de migração ou em respostas políticas destinadas a abordá-los. É importante ressaltar que as diversas tradições religiosas têm diferentes posições de poder em diferentes esferas geopolíticas. É importante destacar a diversidade de formas de migração e também os desequilíbrios de poder que são inerentes a estas variedades de migração. Do mesmo modo, múltiplas abordagens na leitura de religião e migração podem nos ajudar a ver a migração global de novas maneiras. Encerro, deste modo, defendendo uma abordagem interdisciplinar e de múltiplas perspectivas para o estudo da migração (e, na verdade, da religião) que se beneficia quando produz múltiplas leituras teóricas, epistemológicas e metodológicas.

Referências

AGER, A. e AGER, J. Religion, Forced Migration, and Humanitarian Response. In: Saunders, J., Fiddian-Qasmiyeh, E. e Snyder, S. (Eds). *Intersections of religion and migration: issues at the global crossroads*. London: Palgrave Macmillan, 2016.

BAENINGER, Rosana (Org). *Imigração Boliviana no Brasil*. Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

BASCH, L., GLICK SCHILLER, N. and SZANTON BLANC, C. *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. New York: Gordon & Breach, 1994.

BOSWELL, C. e GEDDES, A. *Migration and Mobility in the European Union*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

CASTLES, S., DE HAAS, H., MILLER, M. *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*. New York: Guilford Press, 2014.

CAVALCANTI, L. [et al]. *Dicionário crítico das migrações internacionais*. Brasília: UnB, 2017.

CHERRY, Stephen M., and EBAUGH, Helen Rose. *Global Religious Movements Across Borders: Sacred Service*. Farnham, UK: Ashgate, 2014.

CHERRY, Stephen. Exploring the contours of transnational religious spaces and networks. In: SAUNDERS, J., FIDDIAN-QASMIYEH, E. e SNYDER, S. (Eds). *Intersections of Religion and Migration: Issues at the Global Crossroads*. New York: Palgrave MacMillan, 2016.

CONNOR, P. *Immigrant Faith: patterns of immigrant religion in the United States, Canada and Western Europe*. New York: New York University Press, 2014.

DE GENOVA, N. (Ed.). *The Borders of "Europe": Autonomy of Migration, Tactics of Bordering*. Durham: Duke University Press, 2017.

- ECKSTEIN, S. e NAJAM, A. *How Immigrants Impact Their Homelands*. Durham: Duke University Press, 2013.
- EBAUGH, Helen Rose, and CHAFETZ, Janet Saltzman. *Agents for Cultural Reproduction and Structural Change: The Ironic Role of Women in Immigrant Religious Institutions*. *Social Forces* 78(2): 585–612, 1999.
- EBAUGH, Helen Rose, and CHAFETZ, Janet Saltzman. *Religion across Borders: Transnational Immigrant Networks*. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2002.
- FELDMAN-BIANCO, B. *La circulación de las personas debería ser considerada como utopia. Crítica y emancipación*. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales*, v. 11, 2014.
- GAMMELTOFT-HANSEN, T. e VEDSTED-HANSEN, J. (Eds.). *Human Rights and the Dark Side of Globalization: Transnational Law Enforcement and Migration Control*. London: Routledge, 2017.
- GOLDRING, L. *The power of status in transnational social fields*. In: SMITH, M.P. and GUARNIZO, L.E. (Eds.). *Transnationalism From Below*. V. 6. *Comparative Urban and Community Research*, New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1998.
- GLICK-SCHILLER, N. (et al). *Transmigrants and nation-state; something old and something new in the U.S. immigrant experience*. Texto apresentado no CEMI/ UNICAMP, 1997.
- GLICK-SCHILLER, N., BASCH, L. and BLANC-SZANTON, C. (Eds.). *Towards a Transnational Perspective on Migration; Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered*. New York: The New York Academy of Sciences, 1992.
- GUARNIZO, L.E. and SMITH, M.P. *The locations of transnationalism*. In: SMITH, M.P. and GUARNIZO, L. E. (Eds.). *Transnationalism From Below*. Rutgers, NJ: Transaction Publishers, 1998.
- HAGAN, J. e EBAUGH, H. R. *Calling upon the Sacred: Migrants' Use of Religion in the Migration Process*. *The International Migration Review*, V. 37, N. 4, 2003.
- HAGAN, Jacqueline. *Migration Miracle: Faith, Hope and Meaning on the Undocumented Journey*. Cambridge, United States, Cambridge University Press, 2008.
- KENNEDY, P. e ROUDOMETOF, V. *Communities across Borders: New immigrants and transnational cultures*. London: Routledge, 2002.
- KHALID, K. *Irregular Migration, State Security and Human Security*. Global Commission on International Migration, Geneva, 2005.
- KOSER, K. *Irregular Migration, State Security and Human Security*. Global Commission on International Migration, Geneva, 2005.
- LEVITT, Peggy. *Transnational Migration: Taking Stock of Future Directions*. *Global Networks*, 193: 195–216, 2001.

LEVITT, Peggy. *God Needs No Passport: Immigrants and the Changing American Religious Landscape*. New York: The New Press, 2007.

LEVITT, Peggy. *Religion on the Move: Mapping Global Cultural Production and Consumption*. In: CADGE, Wendy, LEVITT, Peggy and SMILDE, David (Eds.). *Religion on the Edge: De-Centering and Re-Centering the Sociology of Religion*, Oxford, United Kingdom, Oxford University Press, 2012.

MALONE, B. 2015. "Why Al Jazeera Will Not Say Mediterranean 'Migrants'". Al Jazeera, 20 August 2015. <<https://www.aljazeera.com/features/2015/8/20/why-al-jazeera-will-not-say-mediterranean-migrants>> Acesso em 14/11/2021.

MASSEY, D. S., ALARCON, R., DURAND, J. e GONZALEZ, H. *Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico*. Berkeley, CA: University of California Press, 1987.

MASSEY, D.S. [et al]. *Theories of International Migration: a review and appraisal population and development*. Review, New York, v. 19, n. 3., 1993.

PORTES, A. *Globalization from below: the rise of transnational communities*. In: KALB, D., VAN DER LAND, M., STARING, R., VAN STEENBERGEN, B. and WILTERDINK, N. (eds). *The Ends of Globalization: Bringing Society Back In*. Boulder, CO: Rowman and Littlefield, 2000.

SAUNDERS, J., FIDDIAN-QASMIYEH, E. e SNYDER, S. (Eds.). *Intersections of Religion and Migration: Issues at the Global Crossroads*. New York: Palgrave MacMillan, 2016.

TRAVIS, A. 2015. *Migrants, Refugees and Asylum Seekers: What's the Difference?* The Guardian. <<https://www.theguardian.com/world/2015/aug/28/migrants-refugees-and-asylum-seekers-whats-the-difference>> Acesso em 14/11/2021.

SMITH, R.C. *Transnational localities: community, technology and the politics of membership within the context of Mexico and US migration*. In: SMITH, M.P. and GUARNIZO, L.E. (Eds.). *In: Transnationalism from Below*. Vol. 6. *Comparative Urban and Community Research*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1998.

YUCESAHIN, M. e PINAR, Y. (Eds.). *Revisiting Gender and Migration*. London: Transnational Press, 2017.

VERTOVEC, S. and COHEN, R. *Introduction*. In: *Migration, Diasporas and Transnationalism*. VERTOVEC, S. and COHEN, R. (Eds.). Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 1999.

Editora responsável: Alfredo Teixeira

Submetido em: 24/11/2021

Aprovado em: 28/03/2022